

BRAGA, José Luiz. A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006. 341 p.

Joana Belarmino

Num estilo acadêmico objetivo, o professor José Luiz Braga nos apresenta, em *A sociedade enfrenta sua mídia*, um surpreendente resultado das suas pesquisas desenvolvidas nos últimos anos, acerca dos dispositivos sociais de interação com a mídia. Nesta obra, Braga caracteriza tanto em nível conceitual como na análise prática dos casos estudados, a onipresença, interagindo, intercomunicando-se, operando e agindo com os sistemas da produção e da recepção midiática, de um terceiro sistema de enfrentamento, ou, de um modo mais amplo, de interação social com a realidade midiática.

Logo nas primeiras páginas do livro, o leitor desavisado pode julgar que o autor emoldurou em uma nova formulação as chamadas teorias do “agendamento”, “espiral do silêncio” ou “gatenotícias”, estudos norte-americanos sobre os efeitos a longo prazo dos meios de comunicação de massa, os quais inscrevem-se no solo das investigações acerca da produção e da recepção dos produtos comunicativos, ou mesmo outras pesquisas dedicadas aos processos sociais de interação/reação/enfrentamento da mídia. É o próprio autor quem nos alerta para não cairmos em tal equívoco:

Muitos estudos feitos já tradicionalmente sobre instâncias e processos midiáticos podem ser percebidos como referentes à interação social sobre a mídia. Não temos a pretensão de expressar, com nossa afirmação de um terceiro sistema, a existência de um campo inteiramente inexplorado. Por outro lado, não se trata apenas da atribuição de um rótulo a alguma coisa já plenamente reconhecida. Percebemos que os estudos que enfocam essa circulação social, ou elementos dela, têm ocorrido em padrão esparso, sem percepção expressa de que a processualidade aí corresponda a uma atuação social sobre a mídia. (p. 32/33)

De fato, o autor renova e amplia esses estudos, na medida em que identifica, para além dos tradicionais, novos lugares de fala sobre a mídia, incluindo no rol dos já conhecidos, como as redes críticas de observação da produção midiática, revistas com sua proliferante meta-comunicação, lugares outros aparentemente invisíveis, como a crítica da sala de aula, as conversas de mesa de bar etc.

A matriz conceitual de onde emerge o terceiro sistema de Braga é a própria concepção sistêmica. E aqui o olhar do autor também inova, na medida em que a mídia “enfrentada” pelos dispositivos sociais não é o todo desse plano teórico-

conceitual, mas antes, é vista como dois sistemas parte dessa sociedade, ou seja, o sistema da produção e o sistema da recepção, interagindo com um terceiro sistema, organizando-se dentro e fora do sistema midiático, ou seja, o sistema dos processos sociais de interação com a mídia. A hipótese alinha, pois, quatro objetivos que vêm atualizar e complementar estudos precedentes, quais sejam:

- a) relacionar os diferentes processos a um mesmo patamar, comum a todos, e, portanto, perceber processualidades similares quando, sem essa referência, perceberíamos apenas coisas diferentes e isoladas; podem-se desenvolver, assim, percepções de conjunto; b) perceber as diferenças e especificidades de cada um dos diferentes processos de interação social sobre a mídia, usando o pertencimento comum a um mesmo patamar justamente como critério de comparação e diferenciação; c) perceber e construir articulações *internas* entre os processos, na medida de seu pertencimento a um mesmo sistema; d) fazer uma distinção entre esses processos e aqueles que ocorrem na produção e na recepção - e, ao mesmo tempo, perceber as *articulações* que mantenham com esses". (p. 34)

O esforço intelectual do autor, combinado à matriz sistêmica de compreensão, alarga e sutiliza nossa percepção/investigação acerca dos sistemas de produção, recepção e interação social no campo comunicativo. Convida-nos a identificar e distinguir situações em que dentro de um mesmo meio, nos defrontamos com processos que ora são de produção, ora são de resposta social, reação crítica às produções midiáticas.

Vale ressaltar, entretanto, que não se trata de compreender o sistema de interação social como crítico, dotado de um poder de reagir às produções midiáticas de forma competente, tal como fora idealizado naqueles estudos sobre o uso político dos meios de comunicação de massa. Tampouco nos defrontamos com um sistema de reação fraco, tal como o sistema de recepção proposto pela chamada teoria hipodérmica da sociedade, na sua hipótese dos efeitos ilimitados dos meios de comunicação. Conforme ressalta Braga:

É claro que constatar um sistema de interação social sobre a mídia (em cujo âmbito ocorrem ações de retorno, de crítica, de aprendizagem, de controle da mídia e de interpretação produtiva), não corresponde a uma visão ingênua de que a sociedade estaria sabendo enfrentar o que produz midiaticamente e sua disseminação, ou de que corrigiria automaticamente as eventuais distorções do setor de produção. Pois, assim como o setor de produção apresenta distorções (relacionadas a suas lógicas econômicas, organizacionais e políticas, a seus conceitos de cultura e de entretenimento), o sistema de interação pode ser frágil, esparso, pobre de recursos (materiais, conceituais, criativos e operacionais), de pouco alcance e de visão pouco abrangente. Entendemos, portanto, que uma recepção ativa é correlata, de modo fundamental, à existência na sociedade de

dispositivos de interação social vigorosos — nos dois sentidos, de enfrentamento interpretativo e de forte presença social, ou seja, constatar uma articulação sistêmica entre ações interacionais de sociedade e produção midiática não corresponde a afirmar “equilíbrio”, menos ainda equilíbrio estável”. (P 42).

Depois de haver conceituado e caracterizado o subsistema dos processos de interação social com a mídia, o autor dedica-se ao problema do trabalho crítico da sociedade, através desses dispositivos de análise, interpretação, reação à produção midiática. Para consubstanciar sua exposição teórica, o autor apresenta no livro uma série de estudos de caso, a exemplo de estudo sobre a coluna de Bernardo Ajzenberg como *ombudsman* da *Folha de S. Paulo*, o estudo sobre O “Conselho do Leitor” da *Zero Hora* 97 e estudo acerca do “Observatório da Imprensa”.

O livro atualiza uma tradição de estudos comunicativos que sempre buscaram aportes teóricos nos contributos da sociologia, ou mesmo alimentaram a ciência da sociedade com importantes achados do próprio campo comunicativo. Braga sedimenta esse veio indagador entre comunicação e sociologia, atualizando uma teoria latino americana que já conta com mais de quatro décadas de uma trajetória bem sucedida.

As idéias contidas nesse vigoroso trabalho são estimulantes teóricos para uma realidade cada vez mais visível nos dias atuais, ou seja, a realidade de uma recepção ativa, dinâmica, diversificada e onipresente, provocando reação aos produtos midiáticos tradicionais, assim como às coberturas comunicativas, a exemplo dos processos eleitorais.

O terceiro setor de dispositivos de reação à mídia, pôde mesmo ser flagrado no último pleito eleitoral, quando a Internet por excelência, através do “Observatório da Imprensa”, dos blogs e outros portais, publicizou uma intensa reação de fatias da sociedade ao processo de transição política do país. A disputa verbal, bit a bit, especialmente entre os leitores do O I e o seu articulista Alberto Dimes, revela a qualidade desta reação, em sua natureza especializada, na medida em que produziu-se um enfrentamento entre concepções jornalísticas, liberdade de expressão, democratização da comunicação, confrontados com processos populares de formação da opinião.

É, pois de leitura inadiável, com muito proveito para pesquisas atuais sobre processos de reação à comunicação cotidiana, esta obra do professor José Luís Braga.